



Plano

EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Doutrinação

Livros Didáticos

Perseguição Ideológica

Pablo Freire

Formação de professores

ENEM

Movimentos estudantis

Ministério da Educação

Desvio de verba

FRAUDE

Corrupção

Aparelhamento das instituições

PÁTRIA

EDUCADORA

UMA PRODUÇÃO ORIGINAL BRASIL PARALELO

O FIM DA HISTÓRIA

Os eventos narrados em um livro de história são sempre descritos através dos personagens, dos lugares e do tempo, mas o que às vezes parece faltar é o contexto: o como e o porquê desses eventos terem acontecido. Por muitas vezes, as leis e ideias que regem as nossas vidas têm origens que desconhecemos.

A educação obrigatória é uma das ideias que surgiu em um tempo distante, mas que afeta a vida de quase toda população mundial.

O Brasil não é uma exceção. A ideia de educação obrigatória virou lei no país desde a constituição de 1934 e de lá pra cá foi sendo expandida. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação estabelece que é dever do Estado garantir “educação básica obrigatória e gratuita dos quatro aos dezessete anos de idade”. A mesma lei garante que os pais têm a obrigação de matricular as crianças assim que completarem quatro anos de idade.

De outro lado, a educação compulsória também significa a obrigação do governo em atender a população com instituições de ensino previamente autorizadas para essa competência. Esse tipo de legislação cria uma série de outras leis acessórias para garantir o funcionamento desse sistema educacional, desde o ensino básico até a pós-graduação. Profissionais da área são previamente qualificados por um certificado aprovado pelo Estado. Grades curriculares, livros didáticos e orçamentos são definidos pelos políticos e organizações encarregadas. Se, hoje em dia, esse é o padrão da nossa sociedade, nem sempre foi assim.

Conhecer a origem dessa história é o primeiro passo para debatermos a nossa educação.

Desde o início dos tempos, o homem se sente angustiado com as perguntas que parecem fundamentais para definir o significado da sua vida e dos seus objetivos: o que somos e onde estamos? A vontade de descobrir o mundo dá origem à palavra educação. Nascida na expressão latina “ex ducere”, a palavra designa a jornada da nossa vida interior para a descoberta da realidade que nos cerca. Não há civilização conhecida que tenha deixado de tentar se educar. Utilizando o conhecimento como o motor de sua história, de seus sonhos, costumes e objetivos. Educar-se é a capacidade de herdar o conhecimento da humanidade e tentar levá-lo adiante. É uma complexa corrente onde em cada elo, ajudamos a construir a visão de mundo que temos e a forma que entendemos a nossa própria vida.

Nos tempos antigos, a educação nasceu para buscarmos o que é a Verdade.

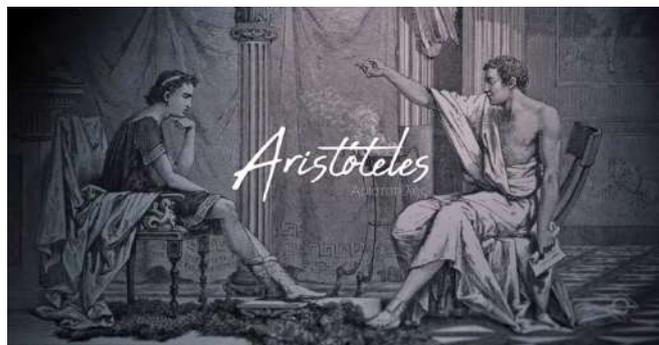
Quid est Veritas?



Pense nessa pergunta e no impacto que a resposta dela pode ter.

O certo e o errado, o bem e o mal, os valores, os objetivos e os costumes de um povo estão ancorados na compreensão que a civilização tem dessa pergunta.

A Grécia Antiga forjou seu nome na história por desenvolver algumas das primeiras formas de perseguir a ideia de Verdade. Foi no começo da filosofia que metodificamos o nosso desejo de conhecer. Criamos as primeiras escolas, onde aqueles que eram tidos como grandes sábios guiavam seus alunos para serem capazes de perseguir essa ousada ideia: reconhecer a Verdade.



“Se você pegar na Grécia Antiga, boa parte dos aristocratas preferia confiar a educação da criança aos cuidados de um tutor. É onde havia justamente um tutor que você reconhecia como uma pessoa sábia ou como uma pessoa que tinha conhecimentos especiais. Então você vê o exemplo de Alexandre Magno, seu pai podia colocar ele numa escola ou podia contratar alguém, ele preferiu escolher o Aristóteles para ser o tutor e provou ser muito acertada essa escolha.”

Fausto Zamboni

“A filosofia, os pré-socráticos chamados, eles estavam muito apoiados em mitos, havia uma coisa muito mais supersticiosa, havia um certo desprezo pela realidade e pela racionalidade. Então, de fato chegam os grandes Sócrates, Platão, Aristóteles que percebem que é possível, sim, pela nossa natureza, captar a verdade pela observação, que por trás de uma maçã que cai, tem algum causador por isso. Então através dos princípios da causalidade, do princípio da não contradição, através desses princípios filosóficos, as pessoas começam a construir umas bases em que chegam, com certeza, a um primeiro princípio, a um primeiro movimento. É aí que começa a ciência. A ciência é a busca da verdade pelas causas.”

João Malheiro

“Eu não falei para vocês que a atividade contemplativa é o ápice da humanidade? O que que é a atividade contemplativa? É a atividade racional, é a atividade de olhar para as coisas e desvendar as causas nas coisas, de buscar a teoria. Teoria em grego é visão. É buscar ver aquilo que está por trás das coisas. Para o Aristóteles, nós amamos a perfeição e Deus é o exemplo de perfeição. Deus é o exemplo de vida racional plena. Então nós, por amar a Deus, nos dirigimos a Deus e nos aperfeiçoamos nos aproximando da vida que ele tem.”

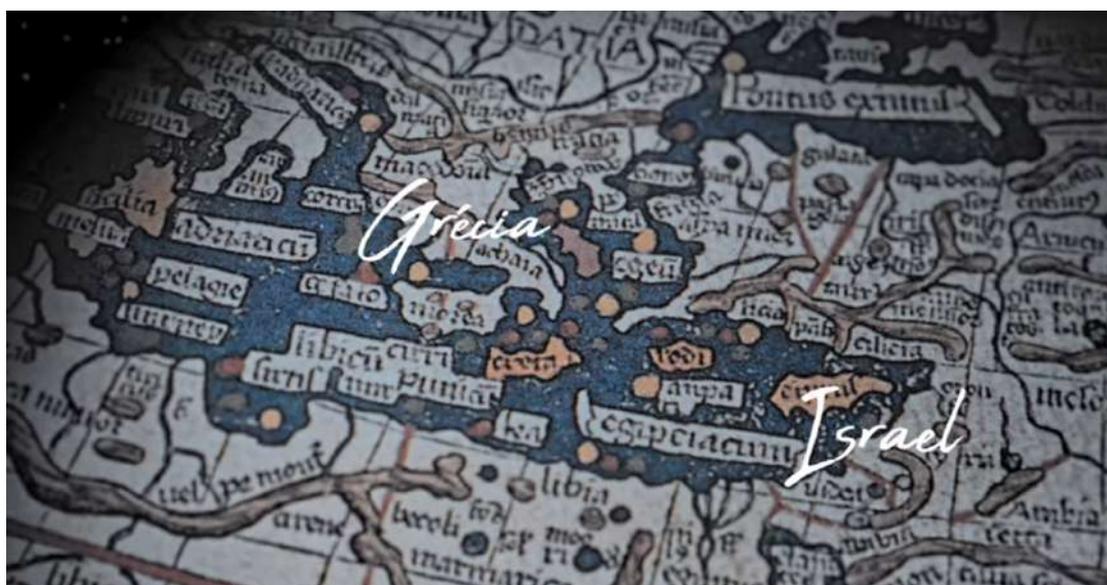
Rafael Nogueira

“Essa educação que a gente diz: ‘eu tenho que estudar porque eu quero ser médico, advogado, administrador, psiquiatra, psicólogo, etc’, isso já é uma coisa bastante nova. As ciências e as artes começam a se desenvolver desde a antiguidade porque aquilo era necessário para formar uma pessoa em uma pessoa livre. E essa visão de liberdade é a função principal da educação desde a Grécia Antiga. Não só a liberdade. Primeiro, a liberdade interior, a liberdade civil, a liberdade social, a liberdade da minha própria família, da minha cidade e por aí fora.”

Clístenes Fernandes

O uso da razão para descobrir o mundo foi a herança da Grécia Antiga para as nossas vidas.

Do outro lado do mapa, uma civilização perseguiu objetivos semelhantes, porém de outra forma. No lugar que hoje abriga Israel foi inaugurada outra interpretação de como investigar a Verdade, que nos acompanha até os dias de hoje.



Foi com o profeta Abraão que a primeira civilização com a crença em um único Deus foi construída.

A Verdade chegava ao povo através do profeta, que a recebia direto de Deus e desfrutava da confiança de seu povo para comunicá-la. As escrituras sagradas e os testemunhos envolvendo o profeta eram a Verdade que deveria ser investigada e interpretada para ser posta em prática. Esse era o fundamento da civilização que pautou o início do judaísmo, do cristianismo e do islamismo.

Ao longo do tempo, os métodos filosóficos da razão e os povos religiosos foram se encontrando, até se unificarem no alto da Idade Média, quando as obras gregas foram traduzidas e os métodos tidos como pagãos foram se reincorporado nas formas de estudo dos mosteiros e escolas da época.

“Quando é que vai surgir o diálogo direto? Quando os padres tiveram que dialogar com as comunidades, responder as perguntas delas. E aí isso vai sendo integrado. Aristóteles era visto como uma espécie de materialista impossível de entrosar com a Revelação cristã. Até que vai chegar Boécio que vai mostrar que o Aristóteles era plenamente adaptável, só que ele mostrou em alguns elementos do discurso também. Com São Tomás de Aquino, o Aristóteles passa a virar, puseram uma batina nele, ele virou o padrão da parte racional da Igreja. Então você tem uma visão mais de pensamento teórico e especulativo dos gregos e tem uma visão mais pragmática, administrativa e jurídica dos romanos. A união dessas duas coisas com o cristianismo é o Ocidente.”

Rafael Nogueira

A busca pela Verdade passou a ser o uso dos meios racionais para alcançar a melhor prática da vida boa anunciada pelo profeta.

Foi nessa união que os métodos didáticos conhecidos como “**artes liberais**” foram desenvolvidos. Um **grupo de disciplinas para fornecer liberdade intelectual e espiritual para os indivíduos**. As **disciplinas** eram divididas em **três inferiores e quatro superiores**.

As **inferiores** eram: **gramática**, para codificarmos o mundo que percebemos e comunicá-lo; **dialética** para comparar as diferentes percepções e evoluir na busca pela verdade; e **retórica**, para aprendermos a expressar as nossas percepções e conclusões de forma persuasiva.

As disciplinas **superiores** eram a arte de utilizar esse conhecimento nos aspectos externos ao homem: **aritmética**, para quantificar o mundo que conhecemos; **geometria**, para colocarmos as quantidades no espaço; a **música** para encaixar os números no tempo; e a **astronomia** para compreender a influência dos astros no espaço.



Essa era a base lecionada nas instituições de ensino ocidentais, que desenvolveram a civilização ao longo de um milênio inteiro, até o período cultural que costumamos dar o nome de Renascença.

Essa base de ensino foi utilizada ao longo de toda Idade Média. As instituições educacionais eram majoritariamente guiadas pela Igreja, diferente do ensino para o trabalho, que era guiado por mestres artesãos que ensinavam seus discípulos as técnicas de produção.

Até aqui, a educação não era universalizada e muito da vida de estudos era entendido como desnecessário para a maioria dos homens. É com Martinho Lutero que essa ideia mudaria para sempre.

“Se o governo pode obrigar cidadãos que estão aptos para o serviço militar a portar lanças e rifles e executar outras tarefas marciais em tempos de guerra, ele tem ainda mais direito de fazer com que as pessoas mandem suas crianças à escola [...]”

(Letter to the German Rulers, Lutero, 1524)

Em 31 de outubro de 1517, pregadas na porta do Castelo de Wittenberg, as 95 teses propostas por Martinho Lutero desafiavam a Igreja Católica Romana. Suas teses propunham uma discussão acadêmica sobre a autoridade do Papa e a venda de indulgências por membros da Igreja.

Os Estados-nação que conhecemos hoje ainda não existiam e a Europa era formada por centenas de pequenos reinos, ducados, principados e condados; e estes faziam parte de impérios maiores que se aglomeravam no guarda-chuva cultural da Igreja Católica Romana.



“O único fio condutor e a unção de tudo isso era dada pela Igreja Católica, era a única coisa que juntava todos esses povos diversos e que ungia os proprietários de terra, que eram os duques e os príncipes. Qual era a contraposição? Você, como família reinante, fazer um dote também para a Igreja. Você tinha que doar um filho para a Igreja, ou fazer dotes materiais, ou, também, jurar proteção em situações de guerra, obedecer, também, uma série de normas e bulas que vinham do Papa. Então, você tinha uma troca ali. Caso contrário, ele estabelecia que ‘muito bem, você resolveu se revoltar contra a Igreja, você não está ungido pela Igreja de ser o duque da sua região, outros duques são legítimos de conclamar o seu território. Então, defenda-se se você puder”.

Luiz Philippe de Orleans e Bragança



Para disseminar suas ideias, Lutero traduz a bíblia para o alemão falado pelo povo e se utiliza de um invento recente que estava mudando a história: a prensa de Gutenberg.

Considerado o invento mais importante do segundo milênio, a prensa permitia a impressão de livros que antes só podiam ser copiados à mão. A bíblia de Lutero agora circulava pela Europa na língua do povo e não mais no latim, falado apenas pelo clero. A reforma protestante havia começado.

A nova doutrina pregava que a instituição católica não possuía poderes espirituais e defendia que a revelação da Verdade não deveria mais passar pela instituição da Igreja Católica, mas ser entregue diretamente das escrituras para todos os fiéis.



Antes da Reforma Protestante



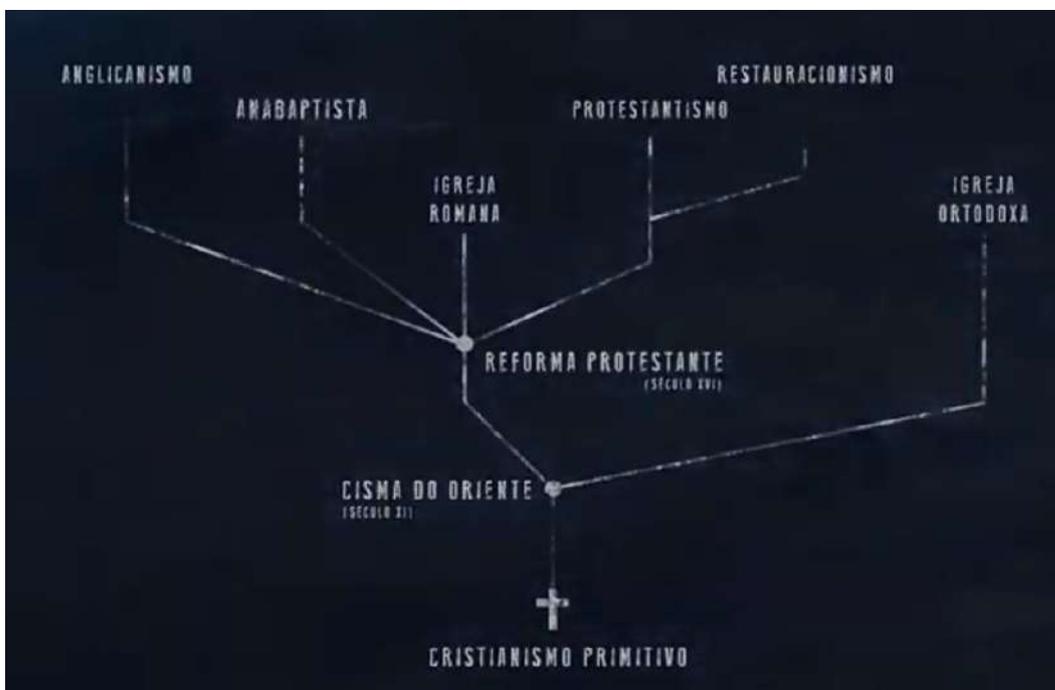
Depois da Reforma Protestante

A revolta protestante oferecia uma oportunidade para os reis e governantes: quebrar a autoridade da Igreja Católica e aumentar o poder dos estados locais.

“Lutero em nenhum momento quis fazer uma religião universal e sequer uma religião, vamos chamar assim, nacional. O que Lutero buscou foi uma reforma dentro da Igreja indo de encontro com a própria tradição romana”.

Thomas Giulliano

A reforma iniciada por Lutero tornou acessível a leitura da Bíblia e, dispensando a autoridade da Igreja, permitiu que as pessoas tivessem sua própria interpretação, abrindo precedente para que diversas ramificações do cristianismo surgissem nos anos seguintes.



Ramificações surgidas no cristianismo após a reforma protestante

“A influência da reforma também não termina com Lutero. Aquele é só o ponto inicial. Depois, os ventos da reforma se alastram principalmente até Genebra, até Calvino, onde, em 1554, ele funda a Academia de Genebra. Mas havia uma preocupação muito grande tanto com a saúde espiritual como também com a solidez educacional dos habitantes ali”.

Francisco Solano Portela

Na busca de expandir as ideias protestantes, Lutero escreve uma carta para os governantes do Sacro Império Germânico exigindo a criação de uma educação pública provida pelo Estado para progredir a reforma e disseminar a leitura da Bíblia sem o intermédio da Igreja.

“É interessante que, nessa carta, ele diz que eles estavam muito preocupados em fazer investimentos em pontes, em estradas, em mosquetes e eles deveriam empregar a maior parte desses valores não somente na educação de crianças, mas no incentivo a professores. Então, nós vemos a preocupação com ambas as pontas. Traduzido, isso quer dizer que ele tinha um interesse enorme na universalização do ensino.”

Francisco Solano Portela

Como resultado das suas súplicas, no ano 1524, o estado germânico de Gotha funda a primeira escola pública moderna, e Lutero funda o Plano Escolar da Saxônia, que mais tarde tornou-se a inspiração do sistema de educação estatal para a maioria dos Estados luteranos. O ensino compulsório logo se estendeu à França, à Holanda e à Nova Inglaterra.



Gotha



França, Holanda, Nova Inglaterra

As escolas eram vistas como poderosas armas de guerra cultural para o enfrentamento político-religioso das diferentes ramificações do cristianismo.

O poder espiritual sofria uma transição de autoridade, da Igreja para os governantes e líderes de diferentes revoltas, entendidos como autoridades ordenadas por Deus contra o Papa e o Imperador.



Guilherme Farel
Guillaume Farel

João Calvino
Jean Calvin

Teodoro de Beza
Théodore de Bèze

João Knox
John Knox

A consequência foi o conflito religioso que ficou conhecido como "Guerra dos 30 anos". Com o término do enfrentamento, diversos governos estaduais se moveram para tornar obrigatório o comparecimento das crianças nas escolas, sob pena de multa e aprisionamento dos filhos. Foi o rei Frederico Guilherme da Prússia que inaugurou o primeiro sistema de educação nacional obrigatório da Europa, ordenando a frequência de todas as crianças nas escolas estatais.

“É interessante que, nessa carta, ele diz que eles estavam muito preocupados em fazer investimentos em pontes, em estradas, em mosquetes e eles deveriam empregar a maior parte desses valores não somente na educação de crianças, mas no incentivo a professores. Então, nós vemos a preocupação com ambas as pontas. Traduzido, isso quer dizer que ele tinha um interesse enorme na universalização do ensino.”

Rafael Nogueira

As escolas passam a fazer parte da política pública dos governos locais e a universalização do ensino começa a aparecer nas estratégias de governo.

As escolas começavam a ser submetidas aos governos locais, mas os objetivos e métodos continuavam semelhantes aos anteriores: a vida intelectual buscava a verdade e essa verdade eram as escrituras sagradas. É apenas no século XVI que esse cenário começa a mudar.

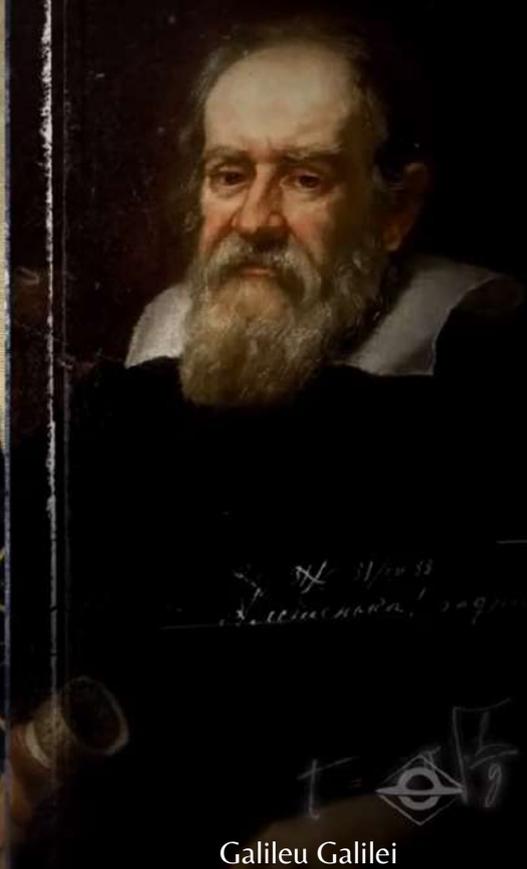
As descobertas de Newton, Copérnico e Galileu costumam ser apontadas como a linha que divide a Idade Média da Modernidade. Os três astrônomos descobriram leis gerais da física, demonstrando o funcionamento da gravidade e do heliocentrismo.



Isaac Newton



Nicolau Copérnico



Galileu Galilei

O universo proposto pelo filósofo grego Aristóteles, onde tudo era ordenado e cada coisa tinha o seu lugar, também foi posto em cheque.

Esses debates tiveram profundo impacto na educação daquele tempo, fazendo o homem sentir-se protagonista de uma trama que buscava decodificar o mundo e a vida. A época ganhou o nome de humanismo pela diminuição gradual do foco em Deus e pelo uso do próprio homem como medida dessa investigação.

Se o universo não era ordenado e as pessoas não tinham seu lugar pré-determinado, qual poderia ser o nosso lugar na vida? Se havia leis da física capazes de descrever o mundo, quais poderiam ser as leis dos homens e da sociedade?

Essas perguntas norteavam o espírito investigativo da época, que ia ficando cada vez mais sério e provocativo, até questionar o papel dos reis, dos padres, da religião e da sociedade.



O apogeu foi em 1789, quando os questionamentos fundaram o Iluminismo francês e culminaram na Revolução Francesa.

Revolução Francesa



O principal líder intelectual do período foi Jean Jacques Rousseau, filósofo que questiona os costumes da nova classe de comerciantes em ascensão na França, chamada de burguesia.

Para Rousseau, a educação clássica nos fez desenvolver um discurso moralizante artificial, infinitamente mais exigente do que a moral que conseguimos de fato praticar no dia-a-dia. Como resultado, era criado um estado de cinismo e falsidade social onde todos fingiam ter uma conduta moral que não tinham e ainda a cobravam dos outros. Isso o leva a crer que vivemos em uma sociedade falsa, moralista e apodrecida por discursos artificiais que pouco tem a ver com a vida humana. Tudo isso era perpetuado pela escola, onde os professores incutiam nas crianças padrões morais que a própria sociedade adulta não seguia, obrigando-as a serem falsas para se adequarem ao mundo.

Daí a famosa frase: "o homem nasce bom e a sociedade o corrompe".



"Tudo é perfeito, ao sair das mãos do criador de todas as coisas, e tudo degenera entre as mãos dos homens"

Jean Jacques Rousseau - Alemanha (1712 - 1778)

Em 1750, Rousseau é convidado a fazer um discurso sobre suas ideias na Academia de Dijon. Lá, propõe que a educação como fora feita, em vez de ajudar o desenvolvimento da humanidade, na verdade, podia prejudicá-la. **Para o pensador, a educação e as artes liberais só tinham reforçado a produção do discurso moralista que criou a falsidade social que denunciava.**

A provocação de Rousseau sobre a educação começa a ganhar força. O discurso torna-se premiado e o filósofo escreve um romance chamado “Emílio”, onde descreve como faria a educação de uma criança à vida adulta, até seu casamento com a Sabedoria. Esse é o livro responsável por expandir a interpretação do conceito de “infância e adolescência”.

Transformar a infância em uma classe tinha o intuito de protegê-las dos adultos, corrompidos pela sociedade burguesa e moralista. Se, em vez de transmitirmos nosso conteúdo, nossos hábitos e nossas crenças, apenas incentivássemos as crianças com métodos lúdicos a serem livres pensadores, elas poderiam romper com a sociedade corrupta em que nasciam.

Quando a revolução francesa aconteceu, essa mentalidade foi absorvida pelo estado revolucionário, que radicalizou a posição de Rousseau. Robespierre, líder revolucionário e ditador francês, admitiu ter o livro de Rousseau na cabeceira de sua cama.



A ditadura francesa estabeleceu, na constituição, a instrução obrigatória para todos e submeteu todas as escolas, públicas ou privadas, ao comando do governo. Ninguém podia abrir uma escola ou ensinar em público sem a licença da universidade oficial. As escolas estavam obrigadas a ensinar de forma apologética às ideias de Rousseau e aos líderes do governo revolucionário.



"De todos os problemas políticos, a instrução é talvez o mais importante. (...) Se um menino não aprende desde a infância a ser republicano ou monarquista, católico ou livre pensador, etc., o Estado nunca poderá formar uma nação."

Napoleão Bonaparte

“Obviamente, a gente viu depois, pela própria história, que as ideias acabam se tornando um tiro no pé, como foi. A revolução acabou mostrando que ali não havia muita liberdade, igualdade e fraternidade, justamente o contrário.”

João Malheiro

“A revolução francesa é uma espécie de abuso da liberdade. Ela não é um marco na história de que o conhecimento ou a racionalidade aflora ao ponto em procurar os interesses maiores da humanidade, mas é uma tentativa meio descabida de quebrar contra tudo que foi construído previamente. O legado intelectual deixado pela revolução francesa leva, também, a uma visão equivocada do que é governo, autoritarismo e tudo mais. Muitos bebem na revolução francesa como se fosse um poço de lucidez quando, na realidade, representa uma cisterna de obscuridade.”

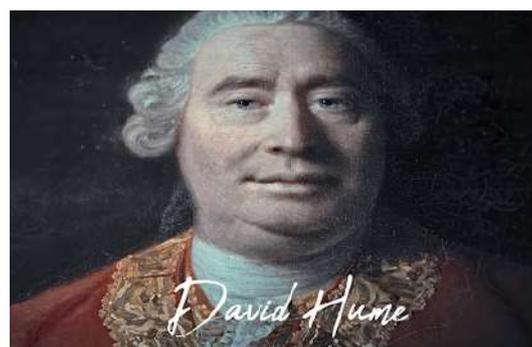
Francisco Solano Portela

Com a educação delegada para as escolas e as escolas delegadas para o governo, os objetivos educacionais estavam sofrendo uma transformação.

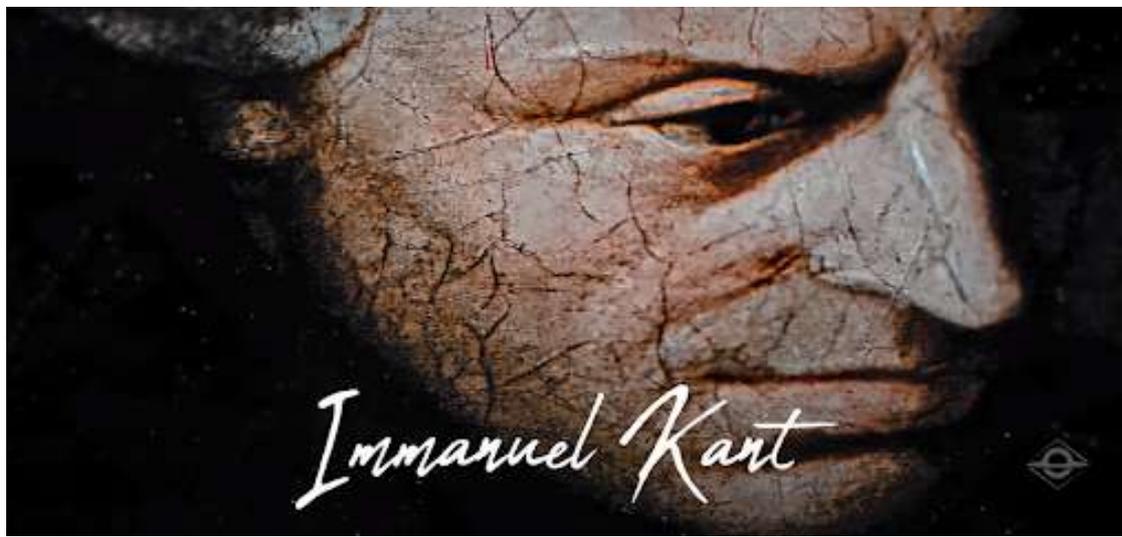
As universidades estavam cada vez mais na mão do Estado. **O progresso e o desenvolvimento da ciência moderna ganhavam espaço.**

A modernidade tinha inaugurado a relativização do conhecimento e dos sentidos. As descobertas nas ciências naturais levaram diversos pensadores a questionarem se o mundo que eles conheciam era mesmo como enxergavam. O tamanho do sol, a distância dos astros no espaço e a invisibilidade dos átomos que constituem o mundo, **todas essas descobertas provocavam o conhecimento do ser humano: será que nossos sentidos e percepções dão conta da tarefa de saber o que é verdade?**

René Descartes chegou a afirmar que a dúvida era a única substância pensante em que podíamos confiar. Todo o resto, sentidos e percepções, poderiam nos enganar. David Hume disse que não temos nenhuma evidência de que há um eu pensante e que tudo seria matéria de fé.

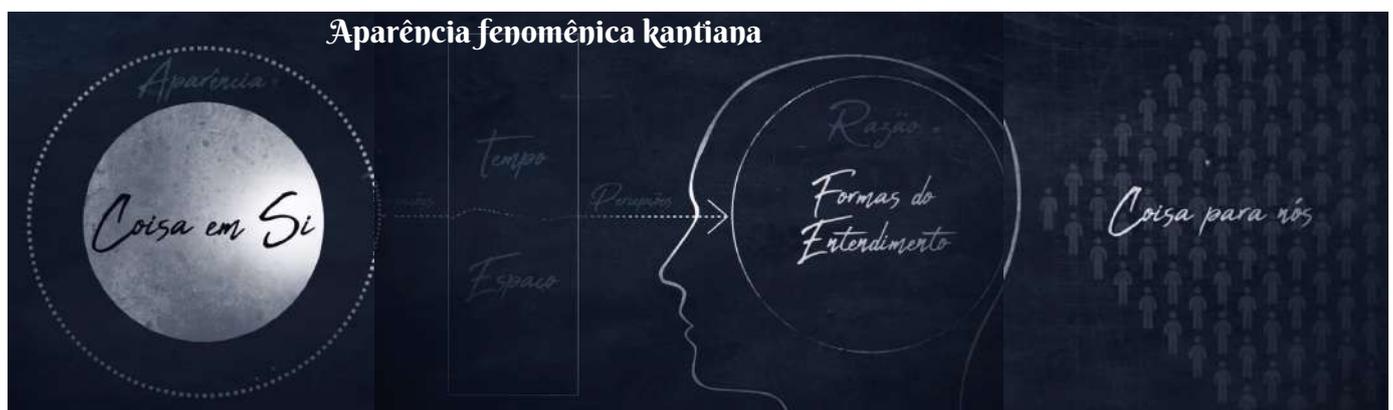


Toda essa herança de pensamento vai causar profunda impressão no filósofo Immanuel Kant. Kant via um paradoxo entre estudar as descobertas da física de Newton e afirmar que o conhecimento racional é impossível. Se Hume tem razão, como é possível a física de Newton? Se uma coisa é impossível, como ela aconteceu?



“Kant tinha a teoria de que tudo que nós conhecemos é de certo modo uma projeção da nossa estrutura cognitiva, hoje diríamos, do nosso cérebro. Então, nós temos certos esquemas inatos que delimitam tudo que nós podemos conhecer. Como, segundo ele, nós só podemos conhecer aquilo que é co-proporcional à nossa estrutura de conhecimento, nós não conhecemos as coisas em si mesmas, mas apenas os aspectos mais aparentes que elas nos revelam e que são co-proporcionais ao nosso esquema, à nossa esquemática cognitiva, por assim dizer. Então, tudo que nós podemos ter certeza, é que nós estamos percebendo a mesma coisa que outros estão percebendo, mas nós não sabemos se todos juntos estamos enganados. É o fenômeno que ele chamava da coisa em si. Nós não conhecemos a coisa em si, mas conhecemos apenas a sua aparência fenomênica. Isso significa que só existe certeza sob o aspecto de um consenso científico. Você não tem mais a certeza objetiva de que as coisas são de um determinado jeito. Daí surge a escola que se chama positivismo e que tem várias versões. O positivismo não é uma escola de pensamento, é vinte escolas, mas todas mais ou menos inspiradas nessa ideia.”

Olavo de Carvalho



Esse pensamento vai gradativamente penetrando a **mentalidade moderna** com o **crescimento do relativismo** e a **diminuição gradual da crença em verdades absolutas**.

Os homens e a descoberta da realidade estavam separados por uma nova classe. A opinião da maioria dos cientistas seria a opinião da ciência e, portanto, a verdade científica que deveria ser aceita por todos.

“É evidente que a classe científica e tecnológica se torna uma espécie de novo clero, que é a detentora absoluta dos critérios da verdade e erro.”

Olavo de Carvalho

De outro lado, o reitor da Universidade da Prússia, Friedrich Hegel, apresenta uma outra filosofia.



“O Hegel diz: ‘a primeira condição da investigação filosófica é a fé no poder cognitivo do espírito humano. Quer dizer, nós afirmamos a nossa capacidade de conhecer o real. Então, é uma atitude corajosa a dele, sem dúvida. Mas, com base nisso, ele acreditou que poderia conhecer num só relance, num só golpe de vista, o movimento inteiro da história humana. Já é um exagero evidentemente.’”

Olavo de Carvalho

“É a Ganzheit, o conceito de totalidade. Cada um é este pequeno tijolinho dentro deste grande sistema e essa união dos tijolinhos que faz esse grande muro que é a totalidade. O Estado é o único ente que consegue responder o porquê do ser humano e para que ele existe.”

Fernando Conrado

“E a sua dialética é aplicada à história, quer dizer, tudo é uma tese com uma antítese que vai virar uma síntese. Hegel acredita, sobretudo, que essa síntese suprema é essa formação do Estado moderno. O Estado moderno alemão é o grande ápice, é a apoteose da sua filosofia. Esse Estado moderno vai ser responsável pela universalização do ensino.”

Flávio Morgenstern



Dialética hegeliana

Enquanto um lado defende não ter o conhecimento de nada a não ser das aparências, o outro lado acredita já ter o conhecimento de tudo, sabendo onde a história vai terminar.

Entre a tradição de Kant e Hegel, ficamos entre duas formas de conhecer o mundo: de um lado, delegamos a verdade para as mãos da classe científica e aceitamos a sua suposta maioria, e de outro, aceitamos que estamos vivendo rumo ao fim da história.



O Estado alemão começa a usar fundos públicos para financiar diversas teses de mestrado e doutorado sobre a filosofia de Hegel. Ao se consolidar como a maior referência intelectual do seu tempo, atrai críticos e adeptos das suas ideias. Um deles ficou conhecido como o fundador da teoria comunista: Karl Marx.

A ascensão econômica da França não era uma exceção. Grande parte da Europa vivia um momento de prosperidade, impulsionado pela revolução industrial. Os métodos de produção envolvendo vapor e carvão criaram as fábricas, que puxavam trabalhadores do campo para pequenas cidades construídas no entorno. Durante grande parte da nossa história, 80% do povo dependia do trabalho na agricultura para viver. Em 1850, esse número caiu para 25%.

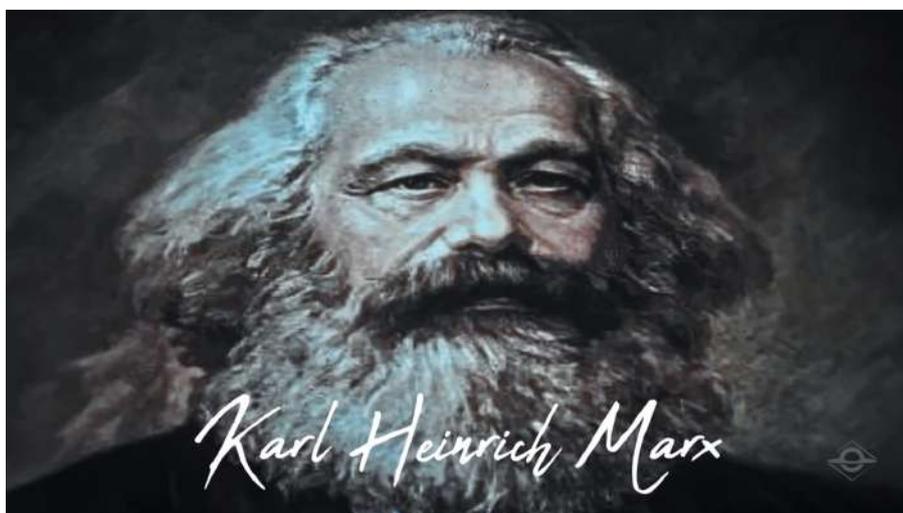
Agora, as pessoas tinham que sair das suas casas para ir trabalhar no interior das fábricas.

A necessidade de deixar os filhos em algum lugar enquanto trabalhavam ficava cada vez maior e o recém formado mercado começava a exigir qualificação.

Se, de um lado, os governantes já tinham compreendido a importância das escolas para o Estado, essa era a peça que faltava. O governo queria levar os filhos para a sala de aula e os pais queriam entregá-los.

“Marx já viu o que é revolução industrial, é um pensador ultraurbano, ao contrário dos românticos. Ele só enxerga as grandes cidades, as fábricas crescendo, a pobreza, o carvão, a degradação ambiental, as mulheres que tem que ir para fábrica e colocar os seus filhos para trabalhar e assim por diante. E ele só enxerga matéria. Ele é um materialista, de fato.”

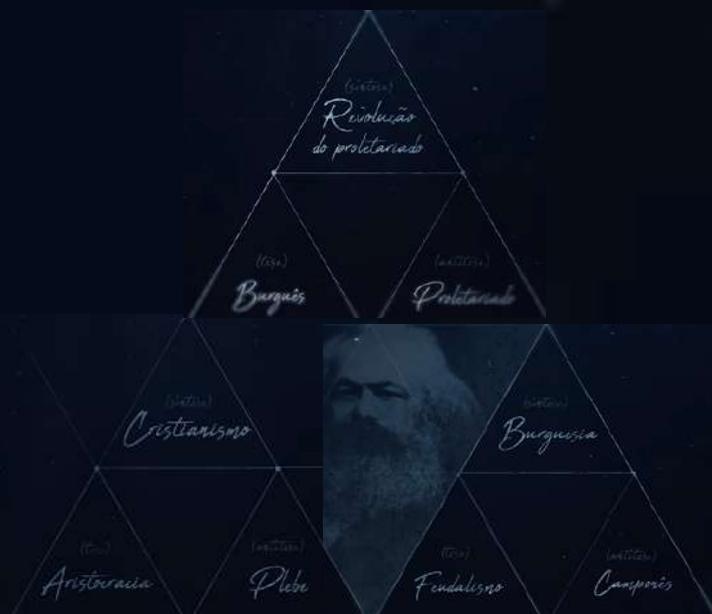
Flávio Morgenstern



“A ênfase do Hegel era a dialética interna das ideias que se sucedem e Karl Marx disse: ‘a coisa não é bem isso. O que existe são modos de produção que se sucedem, portanto, estruturas sociais que se sucedem. Tem a comunidade primitiva, depois tem o escravismo, depois tem o feudalismo, depois tem o capitalismo e depois tem o socialismo. E socialismo fecha o percurso.”

Olavo de Carvalho

Dialética de Marx



“E ele vai dizer ‘o capitalismo é um desenvolvimento do feudalismo. Entre o feudalismo e o capitalismo, Marx prefere o capitalismo. Só que ele acha que essas relações de poder do capitalismo, mais-valia, a luta de classes e assim por diante, alienação, assim que a massa deixar de ser alienada pela ideologia capitalista ela automaticamente, naturalmente e inevitavelmente criará a revolução que vai acabar matando os patrões.”

Flávio Morgenstern



O século XX entrou para a história como um período de guerra entre grandes ideologias. As principais ideias do período são produtos da revolução francesa, gestadas dentro do lema “liberdade, igualdade e fraternidade”.

A liberdade foi representada pelo liberalismo moderno, responsável por novos direitos civis e políticos em favorecimento do mercado ascendente.

A igualdade teve seu fruto no socialismo, que ambicionava estender a revolução ao campo econômico, exterminando a diferença entre as classes oprimidas e opressoras.

E a fraternidade transformou-se no fascismo, o sonho de um novo elo social, que unificasse o território, a língua e o povo numa identidade nacional regida pelo Estado.

Essas três ideologias enxergaram o aparato estatal das escolas como veículo de seu fortalecimento. O liberalismo queria mão de obra e desenvolvimento. O socialismo, a desalienação das massas e o engajamento no movimento revolucionário. E o fascismo, fortalecer a unidade nacional por meio da subordinação aos grandes líderes.



“Em primeiro lugar, a gente precisa distinguir o que é o fascismo enquanto regime político, enquanto prática política, do que é o fascismo enquanto discurso ideológico. Se você pegar o discurso ideológico fascista, o grande livro sobre isso é o do historiador israelense Zeev Sternhell. Ele escreveu um livro sobre o fascismo francês. O livro chama-se: 'Nem direita, nem esquerda - Fascismo francês'. Só para você ver que a coisa é meio complicada. Então, ele estuda o fascismo não como regime, mas apenas como discurso ideológico. Enquanto discurso ideológico, o fascismo aparece de uma corrente (...) um pouco romantista, anti-iluminista, remonta ao começo do século XIX, prezando as identidades nacionais, as tradições nacionais, as línguas nacionais, etc... Começou assim o negócio. Mas o que isso tem a ver com o regime fascista? Absolutamente nada, porque o regime fascista não surge desta fonte ideológica, ele surge, como eu já disse, de uma cisão dentro do movimento revolucionário, onde vários teóricos fascistas, que depois ficaram famosos como teóricos fascistas, como era Enrico Corradini, levantaram o problema de se classe proletária podia ser o agente da revolução mundial e chegaram a conclusão de que ela não podia. Por quê? Porque não existe proletário mundial, só existe proletário nacional. A condição proletária é definida pela condição econômica nacional. Se o sujeito proletário sai de um país, ele não vai ser necessariamente um proletário no vizinho, ele vai ser um lumpemproletário, vai chegar lá como um mendigo. Para que ele conseguisse se encaixar no proletariado de uma outra nação, é um osso. Então, não há uma identidade internacional do proletariado, só há identidade nacional. Então, eles diziam que o agente da revolução não é a classe social, mas a nação. A luta não é entre proletários e burgueses, mas entre nações proletárias e nações burguesas. Ora, quem assumiu essa postura foi o movimento comunista. A partir do fim da Segunda Guerra, todo o movimento terceiro-mundista criado pelo Stalin usou exatamente esse discurso - são as nações pobres contra as nações ricas.”

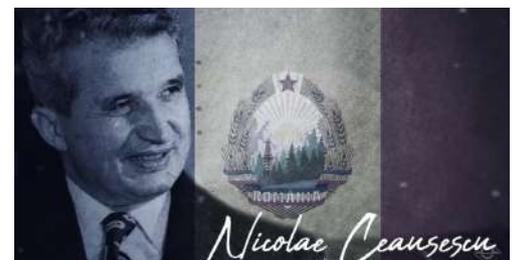
Olavo de Carvalho

“Mas toda a ideia do fascismo, do nacional-socialismo, das falanges, de todos esses movimentos fascistas, era a ideia da classe trabalhadora se unir nacionalmente e criar um Estado extremamente eficiente. Nacionalizar propriedades, nacionalizar indústrias, nacionalizar um plano de educação. A educação como libertadora, porque vai fazer a classe trabalhadora se libertar daquela alienação marxista, da ideologia, da propriedade. Agora, com educação, em vez de você querer simplesmente consumir, você vai ter a ideia revolucionária de fato, você vai começar a ter uma organização de trabalhadores, uma organização política, através da educação, contra economia.

Flávio Morgensten

“Isto é uma política fascista. Isto determinou não só toda estratégia do fascismo, mas determinou a estratégia do comunismo também. O fascismo, embora se colocando como antagonista em relação ao iluminismo, na prática política, seguiu a mesma estratégia do iluminismo que é, vamos dizer, a de concentrar poder na administração estatal. Se o iluminismo é a vitória da razão, da ciência, etc., etc., contra a irracionalidade, o que temos que fazer? Temos que racionalizar a sociedade. A sociedade racionalizada tem que ser uma sociedade administrada. Administrada por quem? Por quem está no poder, portanto, pelo Estado. A política estatizante foi a mesma no fascismo e no comunismo, estatizante e racionalizante.”

Olavo de Carvalho



“E aí tu vê todos esses pensadores de esquerda começam a te ofender daquilo que eles são. Quando Pedro fala de Paulo, sei mais sobre Pedro do que sobre Paulo. Aponto, nos outros, os erros que eu tenho em mim. E aí começa a entrar essa questão do fascismo em toda linguagem.”

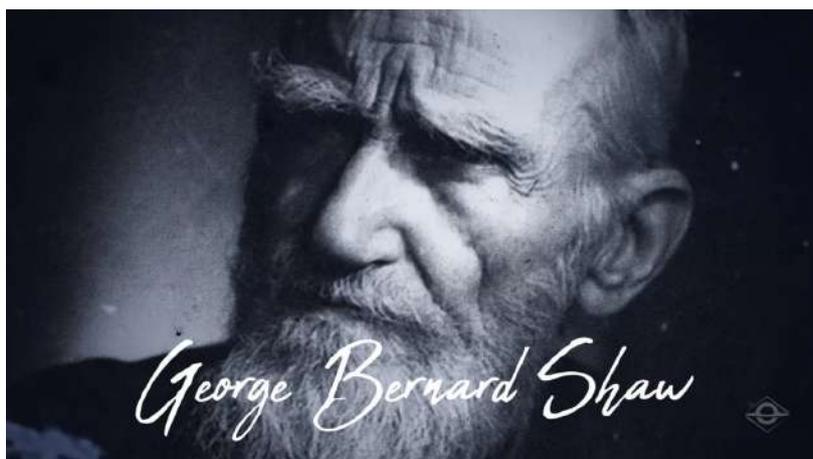
Fernando Conrado

“No Brasil, todos os nomes de correntes ideológicas são usados como eufemismos para encobrir meras antipatias, ou meros desejos, ou meras disputas de grupinhos. Os rótulos ideológicos também são usados apenas como armas de propaganda. Você rotula o sujeito de uma coisa que lhe parece feia, mas que, evidentemente, não define o cara. Com relação à palavra fascismo, o negócio piora ainda.”

Olavo de Carvalho

“Naquele momento, George Bernard Shaw, o grande socialista fabiano, elogia Benito Mussolini. Ele é cobrado pelos próprios socialistas ingleses e fala ‘não, esse cara está industrializando a Itália’. Os grandes socialistas da época, até Lênin, enxergam, em Mussolini, o grande nome do socialismo. Eles consideram, inclusive, que o fascismo é uma nova fase do socialismo.”

Flávio Morgenstern



“Que coisa incrível, né? O Gentile, que era o filósofo do regime fascista e o Antônio Gramsci, que era o filósofo comunista que estava na cadeia, os dois poderiam ter usado a mesma expressão - a terrestrialização absoluta do pensamento, quer dizer, a destruição de toda a metafísica possível. E, em lugar da metafísica, você tem o que? A racionalidade do Estado, ou seja, seja o Estado socialista ou Estado fascista, que, no fundo, são a mesma coisa. Não é coincidência que a esquerda brasileira, o modelo, o ídolo deve ser Getúlio Vargas. O Lula vive dizendo que o modelo dele foi Getúlio Vargas, que o que é? É um fascista, evidentemente.”

Olavo de Carvalho



Cinco mil anos fazendo a mesma pergunta: quem somos e o que devemos fazer?

Encontrar essa resposta sempre foi o nosso objetivo. **Ao longo dos anos, as coisas mudaram e a pergunta foi sendo abafada. Silêncio após silêncio, o papel da educação foi reduzido ao do ensino, até nos tornarmos parte de uma vida que desconhecemos.**

Responsável por encaixar todos em uma grande engrenagem, a **Pátria Educadora é a herança do século XX.**

O Brasil não foi exceção, nos restou importar ideias que em breve entrariam em disputa.

